

TEMPO E DISCURSO

Janaina Weissheimer¹

janaw@sinos.net

“(…) o presente inerente à enunciação (...) imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais.”

Benveniste (1989: 86)

1. INTRODUÇÃO

Segundo Benveniste (1989), seja qual for o tipo de língua, verificamos, por toda a parte, uma certa organização lingüística da noção de tempo; isto porque a temporalidade é um quadro inato do pensamento. De uma maneira ou de outra, uma língua distingue sempre “tempos”, como um passado e um futuro, separados por um “agora”, o tempo em que se fala, tempo este eternamente presente.

Dito isto, podemos concluir que separar a temporalidade do estudo da linguagem é algo impossível. O que difere uma teoria da outra é a maneira como cada teórico lida com esta questão: alguns dedicam um espaço na sua teoria para tratar exclusivamente da temporalidade, enquanto outros, não falam sobre ela explicitamente, de forma que nos resta perceber a presença do fator tempo pela relação que ele impõe com outros aspectos da teoria ou a influência que causa sobre eles.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Pretendemos, portanto, através deste estudo, verificar de que forma algumas das principais teorias do texto e do discurso se dedicam à questão da temporalidade. Para tanto, nos vimos obrigados a realizar um corte, delimitando nosso estudo apenas à investigação do tempo, deixando de lado diversos aspectos dessas teorias, não menos importantes, mas apenas não relevantes ao que este estudo se propõe.

Começando pela teoria de Maingueneau, analisaremos o papel das coordenadas temporais na constituição de uma “cenografia discursiva”. Em Benveniste, nos dedicaremos ao tempo enquanto índice constitutivo de seu “aparelho formal de enunciação”. Já em Charaudeau, será o modo narrativo de organização do discurso, pela relação inquestionável entre cronologia e narração presente nesse modo, o nosso objeto de estudo. Ainda, em Bernárdez e Bakhtin, analisaremos o aspecto dinâmico da linguagem, que no primeiro é relacionada ao conceito de auto-regulação e, no segundo, à noção de dialogismo.

Após a análise de cada teoria no que diz respeito à questão do tempo, nos aventuraremos pelo território da prática, mostrando, através de exemplos, todos originais da autora do presente estudo, como pode-se perceber, na linguagem em uso, esta relação tão interdependente entre o tempo e a linguagem.

2. O DISCURSO NO AQUI E AGORA – A CENOGRAFIA DE MAINGUENEAU

Segundo Maingueneau, postular uma análise do discurso significa, necessariamente, formular as instâncias de enunciação em termos de “lugares”, ou seja, determinar qual a posição que cada indivíduo pode e deve ocupar para se instituir como sujeito do discurso. Este primado do sistema de lugares é crucial para este estudo a partir do momento em que Maingueneau associa à noção de lugar o fator tempo, completando assim o que entende por discurso: “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito *antes que este enuncie*, mas uma teoria da *instância de enunciação* que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado” (1997:33).

Com o intuito de definir “**Cenografia Discursiva**”², conceito este essencial para sua teoria, Maingueneau propõe a existência da “dêixis discursiva”, ou seja, de coordenadas

² “Processo pelo qual o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação, instaurando um determinado perfil de interlocução discursiva (enunciador e co-enunciador) assim como a cronografia e a topografia nela envolvidas” (Maingueneau 1997)

espaço-temporais implicadas em um ato de enunciação articuladas por três instâncias: o **locutor e o destinatário**, a **cronografia**, e a **topografia**. É importante considerar-se, entretanto, que a dêixis discursiva, segundo o lingüista, não aponta de fora para o interior do discurso, ou seja, uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de um tempo e de um espaço objetivamente determináveis do exterior. O que acontece, ao contrário, é um movimento de referência do interior do discurso para fora dele, ou seja, a dêixis discursiva aponta para a cena que sua enunciação ao mesmo tempo produz e pressupõe para se legitimar.

Além da dêixis discursiva, que se constrói através da enunciação, Maingueneau propõe, ainda, a existência de uma dêixis fundadora. Esta deve ser entendida como as situações de enunciação anteriores que a dêixis discursiva utiliza e da qual retira subsídios para sua legitimidade. Teremos, então, a locução fundadora, a cronografia fundadora e a topografia fundadora.

Para ilustrar a noção de cronografia e cronografia fundadora, conceitos relevantes para o estudo do tempo a que aqui se propõe, poder-se-ia pensar na seguinte manchete retirada de um jornal local: “Sai hoje o gabarito da Católica de Pelotas” (Zero Hora, 16 de janeiro de 2001). Ao analisar-se o enunciado em questão, percebe-se claramente a presença de dois tipos de referência cronológica: a dêixis discursiva “hoje”, constituinte do enunciado e que aponta para o momento de sua produção, e uma dêixis fundadora, exterior ao enunciado, mas sobre a qual pressupõe-se que todos os leitores tenham conhecimento, ou seja, o período de Vestibulares, normalmente realizado na primeira quinzena do mês de janeiro e que serve aqui para legitimar o enunciado em questão.

Em última análise, faz-se importante salientar que, para Maingueneau, o fator tempo presente em um enunciado é único daquela instância discursiva, não podendo ser transposto para designar, de forma idêntica, outros textos. Isto porque, para ele, “a enunciação (e seus elementos constitutivos – locução, cronografia e topografia) não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem.” (Maingueneau, 1997)

3. TEMPORALIDADE E ENUNCIÇÃO – BENVENISTE

Responsável pela criação de uma das teorias fundadoras da análise da enunciação, Benveniste propõe, em seu artigo intitulado “O aparelho formal da enunciação”, a existência de um conjunto de instrumentos do qual o locutor se apropria para realizar o ato enunciativo. O primeiro desses instrumentos são os índices de pessoa (a relação eu – tu), onde eu é o indivíduo que profere a enunciação e tu, o indivíduo que está presente como alocutário. O segundo grupo de instrumentos são os índices de ostensão, denominados por Benveniste de “indivíduos lingüísticos”, pois nascem de uma enunciação e apontam apenas para elementos deste acontecimento individual, ou seja, dada uma nova enunciação eles são novamente engendrados para designar algo novo.

No entanto, é uma terceira série de índices, sugerida por Benveniste como integrante do aparelho formal, que representa maior relevância para o estudo em questão: **os índices de tempo**. A relação do advérbio de tempo “agora” com o “eu” enunciador, segundo Benveniste, delimita “a instância temporal coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém ‘eu’”(1989: 45) . Mas esta série de índices temporais não se limita apenas a “agora”; estende-se a uma grande quantidade de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, semana que vem, daqui a três dias, etc.

Os tempos verbais são também constituintes da categoria de índices de tempo proposta por Benveniste. Segundo o lingüista, dentre os tempos verbais, o presente ocupa lugar primordial, pois coincide com o momento da enunciação, o momento em que a linguagem é colocada em ação pelo discurso. O presente ocupa posição axial no discurso, pois a única maneira que o homem tem de viver o “agora” é realizando-o através da inserção do discurso no mundo. Os demais tempos verbais, portanto, distinguem-se uns dos outros sempre pela sua relação com o tempo presente.

Para ilustrar esta relação de todo e qualquer tempo verbal com o presente da enunciação, tomaremos para análise o enunciado abaixo :

“Tenho estado um pouco indisposto.”

Embora o tempo verbal deste enunciado seja chamado, no português, de pretérito composto, tal enunciado só pode existir no presente discursivo, ou seja, quando o enunciador no aqui e agora do discurso toma a palavra para enunciar-se sobre um

acontecimento, fato este que podemos perceber pela presença da marca lingüística “tenho”. Mas, ao mesmo tempo, é inegável a relação do tempo pretérito com o tempo presente no enunciado em questão, pois “o pretérito composto (tenho estado) é um presente retrospectivo que relaciona um evento passado ao tempo presente da enunciação como um prolongamento até ele, com resultado e consequência de um evento passado no tempo presente da enunciação”. (Weinrich, 1974)

Portanto, o essencial para Benveniste e sua teoria de enunciação é considerarmos a relação entre o indicador de tempo e a presente instância do discurso, relação esta que a própria língua se encarrega de mostrar através da gama de índices de tempo que ela coloca à disposição do enunciador no momento em que ele se institui pela linguagem. Para Benveniste, em última análise, o fator tempo é essencial uma vez que “é fácil ver que o domínio da subjetividade aumenta ainda ao anexar-se-lhe a expressão da temporalidade” (1989:53)

4. O TEMPO NO MODO NARRATIVO DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO – CHARAUDEAU

Para Charaudeau, “comunicar” é um fenômeno mais complexo que simplesmente transmitir uma informação; é preciso considerar-se um **dispositivo de comunicação** no centro do qual se encontra o sujeito falante em relação ao seu parceiro, o interlocutor. Para comunicar, não basta que estes parceiros produzam linguagem, é preciso, segundo Charaudeau, que eles procedam a uma *mise en scène*, ou seja, que coloquem a linguagem em cena. Desta forma, para produzir efeitos de sentido num público que ele projeta, o locutor utiliza componentes do dispositivo de comunicação (situação de comunicação, modos de organização do discurso, categorias da língua, texto) para garantir os efeitos que ele deseja produzir sobre seu interlocutor. Visto assim, o ato de comunicar é, então, uma questão de estratégia.

Componentes essenciais do dispositivo de comunicação proposto por Charaudeau, os **modos de organização** do discurso representam “os procedimentos que consistem em utilizar categorias da língua para ordená-las, tendo em vista finalidades discursivas do ato de comunicação” (1992:641). São quatro os modos de organização – enunciativo,

descritivo, narrativo e argumentativo – e cada um deles possui uma função de base e um princípio de organização. Na verdade, cada um desses modos propõe, a seu modo, a sua organização do mundo referencial, de forma que uma *mise en scène* original dê lugar a uma *mise en description*, *mise en narration* ou, ainda, *mise en argumentation*.

Com o intuito de analisar como o fator tempo se apresenta em diversas teorias, proposta essa do estudo em questão, elegemos, na teoria de Charaudeau, o **Modo Narrativo de Organização do Discurso** para constatar qual a importância da temporalidade para este componente do dispositivo de comunicação.

Segundo Charaudeau, proceder a uma *mise en narration* é construir uma sucessão de ações que sigam uma certa ordem lógica dentro do universo narrado. O sujeito que narra estabelece um contrato de comunicação para com o destinatário e utiliza os modos enunciativo e lógico-narrativo para criar sua representação narrativa. Charaudeau aponta, como componentes da lógica narrativa: os actantes, o processo que relaciona os actantes entre eles, e as seqüências que integram o processo de narração, deixando transparecer uma certa finalidade narrativa.

O fator tempo é essencial se considerarmos o modo narrativo de organização do discurso proposto por Charaudeau (1992). Segundo o lingüista, o encadeamento das **seqüências narrativas** ocorre de maneira contínua, de forma que as seqüências ora se comportem de forma progressiva (*chronologie en progression*) ora de forma inversa (*chronologie en inversion*). O encadeamento de seqüências pode, também, se apresentar de forma descontínua, embora isto seja mais raro. Quando acontece a interrupção de uma seqüência contínua, entretanto, é para dar lugar a uma descrição ou para narrar uma seqüência narrativa que se desenrola paralelamente à principal.

Ainda levando em consideração a questão do tempo, Charaudeau aponta para as variações do tempo em um texto narrativo, característica esta que lhe impõe ritmo. As seqüências de ações podem se desenrolar tanto de forma lenta (*expansion*) como de forma rápida (*condensation*). O primeiro tipo ocorre quando a seqüência narrativa principal é interrompida para dar lugar a uma descrição ou narração de outra seqüência de eventos que seja relevante para o todo. O segundo tempo é um relato rápido, normalmente repleto de elipses, como no famoso exemplo de César: “*Veni, vidi, vici*”. (1992: 751)

Por último, Charaudeau chama a atenção para o fato de que a escolha lingüística de narrar um fato usando o tempo passado ou o tempo presente produz diferentes efeitos de sentido. O tempo passado cria um efeito de ficção histórica (*fiction historique*), ao passo que, o tempo presente cria um efeito de ficção autobiográfica ou de atualidade.

Passemos agora à aplicação da teoria do modo de organização narrativo de Charaudeau, propondo-nos à análise do fator tempo em duas seqüências narrativas de peças publicitárias. Convém ressaltar que, conforme Charaudeau (1992:645) coloca, o tipo de texto publicitário apresenta uma tendência mais marcada para o modo descritivo e narrativo, o que se comprovará através dos dois exemplos abordados, a seguir, por este estudo.

No primeiro exemplo, temos uma seqüência narrativa em que o narrador opta por narrar acontecimentos de um tempo passado remoto e recente utilizando, na sua grande maioria, verbos no presente (1956 – Elvis Presley *surge* como a nova estrela do rock). A predominância de verbos no tempo presente do indicativo, na peça publicitária em análise, deixa transparecer claramente o fim ilocucionário a que o narrador se propõe, ou seja, atentar para as conseqüências que os eventos narrados têm para o tempo presente do receptor. Nas palavras de Charaudeau, como vimos acima, o tipo de narrativa em análise pretende criar um efeito de sentido autobiográfico ou de atualidade, pois, de uma forma ou outra, cada evento presente na linha de tempo em questão tem uma certa influência na vida do receptor, uns mais, outros menos.

O fato de a segunda peça publicitária que nos propusemos a analisar também apresentar uma linha de tempo em sua constituição comprova a tendência da publicidade de adotar o modo narrativo como forma de transmissão de mensagem, uma vez que as duas peças são contemporâneas.

A diferença é que, nesta peça, não há nenhuma forma verbal como unidade lingüística escolhida para transmitir a mensagem, e sim, apenas formas nominais. A ausência aqui de qualquer marca de pessoa, o que Charaudeau chama de narrador totalmente exterior à narrativa “*narrateur totalment extérieur*” (1992: 769) denota, também, uma finalidade de produzir um efeito específico de sentido. Ao não se enunciar de forma alguma, o narrador deixa espaço livre para que o receptor assumira este papel e se identifique totalmente com os fatos narrados.

Ainda quanto ao fator tempo nesta segunda peça analisada, convém apontarmos para o momento presente (2001, a hora da virada), que representa a idéia principal do anúncio. Embora o ser humano não goste de mudanças, como o próprio Charaudeau coloca:

La notion de durée – la notion de temps – est une des plus difficiles à concevoir. L’animal humain n’aime pas le changement; il préfère par nature, à quelques exceptions près, sa vie tranquille, ses habitudes, ses amis; les choses surprenantes l’effraient toujours un peu car il se demande toujours avec soupçon si elles ne vont point l’entraîner dans quelque danger, requerir de sa part des efforts et des sacrifices. Il préfère donc n’y pas penser.
(Communication à un congrès)

temos que admitir que, devido à eterna insatisfação do ser humano, característica inerente a sua natureza, “a hora da virada”, apesar de temida por apresentar riscos, é sempre almejada por representar possíveis melhoras e a eminência de uma satisfação plena, mesmo que ilusória. E é exatamente isso que o anúncio propõe: todo o passado é significativo, mas é agora, no presente, a sua chance de encontrar a tão procurada realização.

5. A LINGUAGEM COMO SISTEMA DINÂMICO – BERNÁRDEZ

O dinamismo é um conceito presente ao longo de toda a teoria lingüística de Bernárdez, uma vez que ele propõe a análise da linguagem como um **sistema aberto** (que recebe influência externa), **dinâmico** (que varia com o tempo) e **complexo** (formado por numerosos subsistemas interativos). Portanto, ao invés de considerar o texto como algo fixo e estático, portador ou não de coerência, Bernárdez se propõe a uma análise do texto como algo dinâmico, cuja coerência se constrói a partir da interação com o meio e com outros textos.

A linguagem, segundo Bernárdez, é um sistema dinâmico porque o fator “tempo” é fundamental: tanto a produção quanto a recepção do texto têm lugar no tempo e “desde o ‘estado mental’ de P (produtor) até o ‘estado mental’ de R (receptor) não se produz apenas uma codificação/decodificação atemporal, mas uma série de processos sucessivos, isto é, temporais, e que podem ir se modificando cronologicamente” (1995:138).

Considerando-se o fator “tempo” na teoria de Bernárdez, é importante apontar a distinção que ele propõe entre “oração” e “texto”. A oração, segundo Bernárdez, tem uma

estrutura estável e atemporal, pois depende apenas de fatores internos, ou seja, das regras sintáticas existentes e representadas pela Gramática Gerativa. O texto, ao contrário, não se descreve sob a forma de padrões estruturais, mas depende de fatores externos e da dinamicidade do tempo, uma vez que é impossível negar o fato de que todo texto se desenrola no tempo, da sua produção até a sua recepção.

A importância da temporalidade para a teoria de Bernárdez está no fato de que é ao longo do tempo, que decorre da produção até a recepção de um texto, que este se **auto-regula**, ou seja, procura atingir um “estado estável”, estado em que haja menos diferenças entre o emitido e o compreendido. Esse processo de auto-regulação é essencialmente cronológico, uma vez que o texto vai se modificando rumo a um estado ótimo numa seqüência temporal que compreende desde a produção até a recepção do texto.

Como a linguagem humana é um processo consciente, produtor e receptor lançam mão, ao longo da seqüência temporal de produção e recepção do texto, de instrumentos para garantir a sua auto-regulação. Um destes instrumentos, segundo Bernárdez, é a **retroalimentação** ou feedback. Expressões do tipo “entendeu?” (produtor) ou “como assim?” (receptor), tão comuns na linguagem coloquial, servem para conduzir a auto-regulação quando esta se vê dificultada por um certo grau de incompreensão entre os interlocutores. Voltamos a enfatizar a importância aí da temporalidade, objeto de estudo deste trabalho, pois, dependendo do grau maior ou menor de incompreensão entre produtor e receptor do texto, o tempo que este levará para se auto-regular será maior ou menor.

Passemos à aplicação desta teoria através de um exemplo prático, em que veremos que o conceito de auto-regulação de Bernárdez e a noção de temporalidade estão intrinsecamente relacionados. Vamos supor que um determinado palestrante em um workshop tenha um tempo x para fazer sua explanação. Caso ele não tenha calculado o perfil do seu receptor (neste caso o auditório) e adequado a sua mensagem a este público específico, a auto-regulação de seu texto pode levar muito tempo, uma vez que o receptor terá de intervir muitas vezes para garantir a compreensão da mensagem. Como resultado, a atuação do palestrante pode vir a ser prejudicada uma vez que o limite de tempo não fora acatado.

6. O TEMPO E O DIALOGISMO DE BAKHTIN

É no **dialogismo**, na alternância constante dos sujeitos do discurso, que o caráter dinâmico da comunicação se faz mais presente em Bakhtin. Tudo acontece de forma dinâmica: o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro; o ouvinte, por sua vez, recebe o discurso e adota simultaneamente uma atitude responsiva cuja elaboração é constante durante todo o processo. (1992)

A diferença do tempo decorrido ao longo do processo dialógico de Bakhtin está no fato de a **compreensão responsiva** ser **ativa** ou **retardada**. No caso de compreensão responsiva ativa, a resposta se materializa no ato real do discurso e os parceiros se alternam simultaneamente nos papéis ativos de quem fala e quem recebe. Já no caso da compreensão responsiva retardada, há um eco no discurso, uma vez que o locutor se encontra em situação monolocutiva. Mas como, segundo Bakhtin, todo discurso é prenhe de resposta, mesmo que esta seja retardada, mais cedo ou mais tarde o silêncio será rompido e alguém se enunciará a respeito do que já foi dito.

É importante ainda salientar que, para Bakhtin, somente o enunciado, e não a oração, é capaz de evocar uma atitude responsiva ativa ou passiva. O enunciado, por mais monolocutivo que seja, é capaz de desencadear a cadeia de comunicação verbal, pois ele representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do discurso. A provocação de uma atitude responsiva é, portanto, condição inerente à elaboração de enunciados.

Por fim, na teoria lingüística de Bakhtin, assim como na de Bernárdez, o fator tempo se faz presente através do dinamismo, característica esta que ambos atribuem à língua. Bernárdez, propõe que a língua seja estudada como um sistema dinâmico, aberto e complexo, como já vimos no capítulo deste estudo a ele dedicado. Bakhtin, de forma semelhante, define a língua como “um conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação se encontram num estado de contínua mudança”. (1992:285)

CONCLUSÃO

A temporalidade humana se manifesta na língua através de um aparelho lingüístico que lhe oferece as formas apropriadas para sua expressão. Assim, o tempo só pode ser percebido pelo exercício da linguagem, de forma que o uso da língua lhe impõe as instâncias do discurso para que ele possa a elas se moldar . Pensar-se na noção de tempo dissociada do uso da linguagem é, então, algo vago e abstrato.

Vimos que, em Maingueneau, o tempo faz parte, juntamente com o espaço, de uma cena discursiva que delimita o momento da enunciação. Já em Benveniste, vimos que o tempo, juntamente com os índices de pessoa e ostensão, é elemento integrante de um aparelho formal de enunciação, o qual permite ao ser humano se instituir no mundo através da linguagem. A teoria de Charaudeau nos mostrou que a noção de tempo está necessariamente presente no modo de organização do discurso que ele chama de narrativo, pois sempre que nos enunciamos acerca de uma seqüência de fatos, o fazemos em função do tempo. Já em Bernárdez, encontramos uma forte relação do tempo com sua teoria, uma vez que ele propõe que a língua seja tratada como um sistema dinâmico, ou seja, ao auto-regular-se ela o faz no tempo que decorre entre os processos de produção e recepção da mensagem. E, por último, em Bakhtin vimos que a o dinamismo da linguagem está também presente, agora no dialogismo entre os parceiros do discurso, que constantemente se alternam nas posições de falante e ouvinte, no presente eterno do discurso.

Foi com este intuito, o de mostrar a presença do tempo nas diversas teorias a respeito da linguagem, que nos empenhamos na realização desse modesto estudo. Esperamos que com isso tenhamos contribuído para a incessante busca de atualização do conhecimento lingüístico, tarefa essa que cabe a ninguém mais do que nós, lingüistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKHTIN, M. (1992). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

2. BENVENISTE, E. (1989). *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes.
3. BERNÁRDEZ, E. (1995). *Teoría e epistemología del texto*. Madrid: Cátedra.
4. CHARAUDEAU, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
5. MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.
6. _____. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.
7. WEINRICH, H. (1974). *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.